

M. TEIXEIRA-GOMES

OBRAS COMPLETAS

II



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

Título: Obras Completas — II
Gente Singular
Novelas Eróticas
Maria Adelaide

Autor: M. Teixeira-Gomes

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: DED/INCM

Capa: fotografia — Museu de Portimão

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Agosto de 2009

ISBN: 978-972-27-1804-2

Depósito legal: 293 213/09

GENTE SINGULAR

- 1.^a edição: Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1909.
- 2.^a edição: Seara Nova, Lisboa, 1931.
- 3.^a edição: Portugália Editora, Lisboa, s. d.
- 4.^a edição: Bertrand Editora, Lisboa, 1988.
- 5.^a edição: a actual.

Prefácio à 4.^a edição

Foi por certo em Gente Singular que M. Teixeira-Gomes atingiu o ponto mais alto da sua obra novelística no tocante ao humor. O cómico e o fantástico combinam-se neste conto magistralmente urdido, onde sentimos a atmosfera pegajosa da cidade de Faro no dobrar do século, com a sua mexeriqueira modorra.

Houve quem identificasse a insólita inauguração do «monumento», glória do cônego e das manas Simas, com algo semelhante ocorrido, em finais de Oitocentos, com um tal padre Lopes, que teria duas irmãs solteiras, muito excêntricas e amigas de se mascararem, e morava com elas na Rua do Pé da Cruz. Esse prelado, entre outros hábitos originais, adormeceria, tal como o cônego Simas, ao som da chuva artificial produzida por qualquer mecanismo que soltava a água de um regador sobre um telhado de zinco.

O então jovem Mário Lyster Franco foi quem deu a conhecer essas semelhanças num artigo publicado sobre Gente Singular no Heraldo de Tavira. Teixeira-Gomes, porém, embora sensibilizado pela crítica ao seu livro, não deixou de lhe afirmar, em carta datada de 14 de Dezembro de 1909, que estava bem longe de talhar carapuças para pessoas de Faro, cuja vida por completo desconhecia. E acrescentava: «Será pura coincidência ou as figuras por mim imaginadas contêm humanidade bastante a tra-

duzirem, na sua generalidade, caracteres aplicáveis a criaturas por toda a parte?»¹

Este é sem dúvida o melhor elogio que se possa fazer ao conto que dá o título ao volume, autêntico primor de ironia, de imaginação satírica, de desenfastiada e arguta observação do real.

Aliás, a marca dominante da colectânea é o tom crítico, ora a roçar pelo burlesco, como em «O Álbum» e «O Triste Fim do Major Tatibiate» (textos aliás muito ricos pelo seu valor de alegoria social), ora oscilando entre o retrato caricaturalmente romântico e o desfecho sarcástico: «D. Joaquina Eustáquia Simões d'Aljezur».

Diga-se desde já que a veia cáustica de Teixeira-Gomes se não derrama apenas sobre o Portugal finissecular e particularmente sobre a burguesia rica e as pendurezas afidalgadas do seu Algarve senão que espicaça e esventra com o mesmo brio os argentários batávios da endinheirada cidade de Amesterdão, que ele bem conhecia das suas viagens de negócios e de que nos deixa saborosa memória (ficta) em «Jogos de Bolsa».

Outro aspecto, que, de enredado que anda no grotesco, nem sempre terá sido apercebido nitidamente nestas narrativas, é o fantástico, patente sem dúvida em Gente Singular mas sobretudo dominante em «Sede de Sangue», conto negro onde a pulsão sádica ambigualmente se desloca entre a silhueta do vampiro e os fantasmas do narrador testemunha.

O texto «Profecia Certa» não figura na primeira edição, mas foi verosimilmente composto muito antes da segunda, ainda no período do grande interesse de Teixeira-Gomes pelo género dramático, para o qual apelam as anotações de cenário que introduzem a acção.

O que dá unidade ao livro é, de facto, para além da área semântica que o título recobre (a da singularidade), o jocoso de personagens e situações, metáfora de um país agónico. É certo que entre essas personagens se contam também os Elias Bega, o

¹ Devo esta informação ao meu ex-aluno do Centro de Apoio da Faculdade de Letras de Lisboa, em Faro, Alberto Strazzera, a quem Lyster Franco facultou a referida carta, para elaboração de um trabalho universitário.

que universaliza a cupidez e a crápula, mas, de certo modo, «Jogos de Bolsa» é já mais uma reminiscência transfigurada, à maneira das futuras novelas eróticas de Teixeira-Gomes, fora do clima de excesso caricatural de Gente Singular. Tal como O Fim, de António Patrício, este molhe de contos anuncia a derrocada do Portugal monárquico, de uma certa forma provinciana de ser e de viver, na mediocridade interesseira ou demente. A corrupção do visconde, e da viscondessa, de «O Álbum»; as manias aberrantes do cônego Simas e as suas manas; a santa aliança da farda, da sotaina e da pena do poetastro (no serralho de Gentil Pepa) são indícios dessa decadência bem estofada que, aliás (Teixeira-Gomes o havia de comprovar), a República não logrará varrer.

No conjunto da obra literária de Teixeira-Gomes, Gente Singular avulta não só pelo acabamento de algumas das narrativas, mais objectivadas e de estrutura mais firme do que o comum da sua produção, mas acima de tudo pelo poder comunicativo, pela graça chocarreira, pela superior cultura sorridente de uma visão irónica sem par entre nós no primeiro quartel do século. Com tudo isto, os belíssimos descritivos, mormente algarvios, tão-pouco escasseiam ao longo do livro, a afirmar a presença do contemplativo e do esteta.

URBANO TAVARES RODRIGUES

A Carlos Malheiro Dias ¹

¹ Carlos Malheiros Dias (Porto, 1875 — Lisboa, 1941), romancista — *A Mulata*, 1896; *Filho das Ervas*, 1900; *Os Teles de Albergaria*, 1901; *A Paixão de Maria do Céu*, 1902 —, historiador — *História da Colonização Portuguesa no Brasil* —, doutrinador — *Do Desafio à Debandada*, 1905; *Em Redor de um Grande Drama*, 1908; *Zona de Tufões*, 1912; *Entre Precipícios*, 1916; *Exortação à Mocidade*, 1925 —, jornalista — *Cartas de Lisboa* — e director da *Ilustração Portuguesa*. Nos 3 volumes das *Cartas de Lisboa* (1904-1906) recolheu colunas e crónicas que fizeram sucesso. No Brasil foi um dos fundadores da revista *O Cruzeiro*. Monárquico empenhado, foi deputado pelo Partido Regenerador, bateu-se pelas suas ideias nacionalistas, que o levaram, desgostoso com a República, a exilar-se, em 1913, no Brasil. Morreu quando tinha acabado de ser nomeado embaixador de Portugal em Madrid. Frequentou em Coimbra o Curso Superior de Letras (vide *Sabina Freire*, 4.^a ed., Bertrand Editora, 1987, p. 213, n. 21). (V. W. F.)

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES D'ALJEZUR

(HISTORIETA QUASE ROMÂNTICA)

O refúgio, o bucólico sanatório indispensável às minhas crises de melancolia, era então a horta dos Pegos Verdes, oásis de laranjeiras sepultado num vale da serra, entre estevais sem fim. Ali haviam demorado por vários séculos alguns monges autênticos, de cuja pobreza os restos do convento — acanhadíssima construção térrea de pedra e barro — perpetuavam o atestado suficiente.

Eu ia para lá a pé, de espingarda a tiracolo, calculando a hora da partida de modo que chegasse ao nascer do Sol, quando o hortelão, o Sr. Elisiário, já andava nas leiras, com a enxada, a abrir caminho à água.

A levada de alvenaria passava ao portão; sentava-me, descansando um instante a escutar o murmúrio da água, e logo, numa dessas frequentes e profundas acalmias da madrugada na serra, que um trilo de rouxinol perturba e magoa, eu cortava subitamente o silêncio com o meu grito:

— Elisiário!...

Da obscuridade rescendente onde o pomar tufava acudia sem demora a voz do velho, tenebrosa, ao rés-do-chão:

— Ora muito bons dias a vossenhoria... — E em seguida, mais aguda e livre: — Ó Custódia, ó Custódia... cá temos o patrão...

Era o sossego de duas vidas consagradas ao amanhã da leiva generosa que perfazia a paz solene daquele ambiente de solidão, e eu entrava nela tão naturalmente que nunca a trilhava...

A minha presença em nada alterava a norma de existência ao casal de velhos que para ali viera pouco depois da voda, quarenta anos atrás. Não tinham filhos nem os haviam desejado e, encantados no egoísmo daquela quietação cobiçada e realizada imperturbavelmente, as minhas poucas palavras eram-lhes indício de uma velhice precoce por onde nos emparelhávamos, e assim ² conseguia eu vencer a sua hostilidade latente, mas sempre alerta, por tudo quanto revelasse tumultos e petulâncias da mocidade.

A minha cama e o meu quarto arranjavam-se todos os dias, quer eu lá estivesse ou não, e esses cuidados conservavam-lhes na memória a minha lembrança; quando eu chegava recebiam-me singelamente, como a alguém que se espera depois de curta ausência, embora sucedesse passarem-se às vezes anos inteiros sem que me vissem aparecer. Do que eles comiam comia eu também, de sorte que nem mesmo o lado material da sua vida sofria modificação.

O velho era malicioso, com grande queda para a zombaria cujo exercício a surdez da mulher baldava naquele escampado e sobre mim gostosamente incidia, mais ou menos velada, enquanto por lá me tinha. A velha, verdadeira pobre de Cristo, calada e obediente, ia-se dobrando para o chão como um compasso que se fecha pouco a pouco, emperra e já não abre; parecia feita de barro amarelecido e gretado, com duas inextinguíveis pinceladas de carmim nas faces.

O pretexto à minha demora dava-o a caça, e de espingarda ao ombro subia eu todas as manhãs muito cedo à cumeada das serras por onde me deixava ficar horas esquecidas, mas a caçar de preferência ou exclusivamente, perspectivas e horizontes... A espingarda, no entanto, escudava-me a reputação já abalada e que fatalmente se faria de doido

² «nos emparelhávamos e assim» (1.^a ed.) (2.^a ed.).

varrido ao vincar a suspeita de que não era pela caça que eu levava os dias inteiros a bater mato.

Umaz vezes por outras disparava a espingarda para o ar ou atirava ao alvo; os tiros ecoavam pelas quebradas dos montes e ouviam-se no convento, provocando, ao regresso, grande cópia de perguntas irónicas e sorrisos de mal disfarçada mofa no meu caseiro, que me via voltar de mãos vazias, e cujo auxílio e companhia nas minhas inocentes explorações campestres eu terminantemente recusava. As alusões, pouco respeitosas, do socarrão à minha má estrela venatória — ele não me punha em dúvida a perícia — eram invariáveis, sem nunca falharem e divertindo-me sempre. Depois, como se isso lhe fosse indispensável e seguro intróito à exposição das suas habilidades e façanhas — para fixar o contraste entre a minha impotência e o seu valor —, com ³ bastante pitoresco, embora muito sóbrio de gestos, descrevia as manhas dos coelhos assustadiços e os variados voos com que perdizes e rolas se levantavam fugindo ao caçador inexperiente. «Tricas de escapar» — chamavam-lhes, mas ajuntando logo: — Comigo ⁴ não brincam os passarinhos e se vossenhoria aqui viesse no tempo da caça proibida, que é quando vale a pena dar um tiro, ou nos meses em que eu posso largar a rega, veria então... Que eu bem sei que vossenhoria no parado acerta como ninguém...

— Pois, tio Elisiário, amanhã trago-lhe a bolsa cheia...

— Vossenhoria anda com pouca sorte. Aos tiros que lhe tenho ouvido já não devia ⁵ haver bicho com vida numa légua em redor...

E o caso era que os bichos tão-pouco pareciam acatar-me a destreza. Os coelhos miravam-me, com aprazível e tranquila curiosidade, da entrada das suas luras, e uma vez ⁶ que eu es-

³ «e o seu valor — com» (1.^a ed.) (2.^a ed.).

⁴ «ajuntando logo — comigo» (1.^a ed.) (2.^a ed.).

⁵ «já não devia de haver» (1.^a ed.) (O autor renunciou ao populismo, por sinal bem expressivo, em favor de uma linguagem mais correcta.)

⁶ «das suas luras e uma vez» (1.^a ed.) (2.^a ed.).

quecera a espingarda sobre umas pedras fui encontrá-la feita poleiro, donde uma perdiz vigiava a ninhada.

Mas atirar a uma ave, símbolo da graça inofensiva e da elegância mimosa!... Vê-las voar, tão leves, e vê-las poisar, num declive tão doce, como que no ponto certo onde a curva do seu voo encontra a imaginária tangente...

Na liberdade daquela solidão tudo era gozo para os meus sentidos, sempre despertos e ávidos: o ar impregnado pelas exaltações resinosas das estevas; o pesado, quase palpável perfume das moitas de rosmaninho; os gorjeios que a passarinhada solta como isolados fios de pérolas cristalinas; o ruído, o murmúrio de colmeia de que a vida dos insectos repassa o mato espesso; as borboletas ardendo na luz intensa, como pequeninas chamas verdes que se perseguem, e caindo nas sombras com a opacidade das flores⁷ de enxofre... E os vastos horizontes, familiares, mas duma tão perpétua novidade, abrangendo no mar faiscante o recorte sinuoso da costa, lá da Ponta do Altar às rochas do Cabo, com os estuários do arade e das rias de Alvor, e, a norte, a perspectiva circular das serras que fecham o Algarve, imponentes, e até importunas, quase, nas altíssimas ondulações da Fóia e da picota, mas morrendo em linhas azuladas, como que esvaídas, direito ao mar e acamando, a levante, em aveludadas ondas de musselina...

Singular e pacificador panorama por onde, com a alma, a vista se me alongava infinitamente apaziguada!

Não, não era para verter sangue que eu ia aos Pegos Verdes, pois logo me penetrava a clemência duma grande harmonia idílica, mas tão-pouco estranhava a ferocidade instintiva e cultivada do tio Elisiário, que bem lhe correspondia à expressão macabra do rosto: em pequeno tivera a desgraça de esborrachar o nariz, ficando-lhe essa feição estampada ao meio da cara como um ás de paus...

As minhas belas sestras dormidas no terreiro da igreja, debaixo duma copadíssima alfarrobeira, que ali imperava escoltada por oliveiras! A agitação de umas tantas vides, soltas e

⁷ «com a opacidade de flores» (1.^a ed.).

reverdecidas em pleno sol, hipnotizava-me; o sussurro da aragem nas ramadas da imensa árvore, embalava-me; outras vezes o vento dava com força nas altas oliveiras com o ruído sinuoso e ecoado duma grande vaga a rebentar na areia da praia e os meus sonos ali eram prolongados, reparadores e deliciosíssimos.

Os dias corriam-me tão serenos, tão iguais, naquele ermo dos Pegos Verdes, que pouco a pouco o espírito se me tranquilizava e como um líquido repousado que deposita, por fim, no fundo do vaso, todas as impurezas que o embaciavam, passadas algumas semanas fazia-se-me no cérebro a limpidez necessária. Calmo e indulgente, pois é o veneno da própria atrabilis que nos intoxica a visão do próximo, voltava à convivência dos povoados...

Em uma dessas temporadas de purificação, já quando pensava em a dar por finda para voltar às obrigações da vida social, uma tarde que o calor me levava ao preferido retiro da alfarrobeira, veio-me o tio Elisiário dizer que chegara ao convento uma senhora em minha busca.

— É uma verdadeira madama!...

Não seria fácil pintar a expressão de assombro e malícia quase obscena com que o velhaco sublinhava a designação de *madama*.

— E como se chama essa madama? — inquiri sonolento, e mais aborrecido do que surpreendido.

— Não sei, nem ela quis dizer o nome, porque o patrão também a não conhece... Metia-a na casa onde vossenhoria come. Vem esbofada com o calor e em trajes de viúva...

— Você nunca a viu, Elisiário?⁸

— Eu nunca, mas a minha mulher diz que aquela cara não lhe é de todo estranha e que já uma vez na feira de Lagos a encontrou passeando sozinha na Rua dos Ourives...

Fui. À sombra das parreiras, cuja latada separa o convento da horta, descansava um mocetão espadaúdo e hercúleo, ves-

⁸ «E Você nunca a viu, Elisiário?» (1.^a ed.) (A supressão da copulativa espaça nitidamente as réplicas.)

ÍNDICE

GENTE SINGULAR

Prefácio à 4. ^a edição	11
D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES D'ALJEZUR	17
JOGOS DE BOLSA	37
GENTE SINGULAR	75
O ÁLBUM (CONTO GROTESCO)	109
SEDE DE SANGUE	125
O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE (CONTO SIMBÓLICO)	149
PROFECIA CERTA	163

NOVELAS ERÓTICAS

Prefácio à 3. ^a edição	177
DEUS <i>EX MACHINA</i>	181
A CIGANA	221
MARGARETA	235
CORDÉLIA	249
?	257
O SÍTIO DA MULHER MORTA	265

MARIA ADELAIDE

Prefácio à 4. ^a edição.....	293
I.....	301
II.....	302
III.....	304
IV.....	305
V.....	306
VI.....	309
VII.....	311
VIII.....	313
IX.....	315
X.....	317
XI.....	318
XII.....	320
XIII.....	321
XIV.....	323
XV.....	324
XVI.....	326
XVII.....	329
XVIII.....	332
XIX.....	333
XX.....	335
XXI.....	337
XXII.....	339
XXIII.....	342
XXIV.....	345
XXV.....	347
XXVI.....	349
XXVII.....	351
XXVIII.....	356
XXIX.....	358
XXX.....	360
XXXI.....	361
XXXII.....	362
XXXIII.....	365
XXXIV.....	367
XXXV.....	369
XXXVI.....	371
XXXVII.....	373
XXXVIII.....	375

XXXIX.....	377
XL.....	379
XLI.....	380
XLII.....	382
XLIII.....	384
XLIV.....	385
XLV.....	387
XLVI.....	389
XLVII.....	392
XLVIII.....	394
XLIX.....	395
L.....	397
LI.....	398
LII.....	399

Acabou de imprimir-se
em Agosto de dois mil e nove.

Edição n.º 1016612

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br